

Cantando, brincando e aprendendo: a importância das músicas e histórias infantis para o aprendizado de conceitos por crianças cegas

Singing, playing and learning: the importance of music and children's stories for learning concepts for blind children

Flavia Daniela dos Santos Moreira¹

RESUMO

O presente relato apresenta experiência educacional sobre a utilização de uma música e de histórias infantis como recursos pedagógicos para o estímulo do aprendizado de conceitos por crianças cegas. A referida experiência foi desenvolvida na educação infantil do Instituto Benjamin Constant de setembro a novembro de 2014, em uma turma composta por cinco alunos cegos na faixa etária de 5 a 7 anos.

Palavras-chave: Música. Educação infantil. Crianças cegas.

ABSTRACT

This report presents educational experience on the use of music and children's stories as an educational resource to stimulate learning concepts for blind children. Such experience was developed in early childhood education from the Benjamin Constant Institute from September until the month of November 2014 in a class of five blind students aged 5 and 7 years.

Keywords: Music. Early childhood education. Blind children.

¹ Mestre em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pedagoga, orientadora educacional (UFSCar) e professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – Educação Infantil no Instituto Benjamin Constant.

1. Introdução

Este relato diz respeito a uma experiência educacional ocorrida entre os meses de setembro e novembro de 2014, em uma turma composta por cinco alunos cegos da Educação Infantil do Instituto Benjamin Constant, na faixa etária de 5 a 7 anos. Foram utilizadas a música “A janelinha” e algumas histórias como instrumentos capazes de favorecer a aquisição de conceitos por essas crianças. Antes da descrição dessas atividades, convém mencionar a definição educacional atribuída a alunos cegos e com baixa visão.

De acordo com Monte e Santos (2005), as crianças cegas são aquelas que, por não terem visão suficiente para aprender a ler e escrever em tinta, necessitam de outros recursos, como, por exemplo, o uso do sistema braile, para complementar seu processo de aprendizagem. Há crianças que não podem ver nada e outras que conseguem discriminar “claro”, “escuro” e alguns contornos, mas tanto uma categoria quanto outra demandam incentivo para aprender a utilizar seus sentidos remanescentes, a fim de apreender o mundo à sua volta.

As crianças com baixa visão, por sua vez, são aquelas que fazem uso de reduzido resíduo visual para explorar o ambiente, conhecer o mundo à sua volta e aprender a ler e escrever com o emprego dos recursos adequados às suas necessidades, como, por exemplo, o uso de caracteres ampliados e recursos ópticos, como lentes de aumento (MONTE & SANTOS, 2005). Essas crianças também precisam ser estimuladas a usar seu resíduo visual na construção de conceitos.

2. Desenvolvimento

Nossas aulas iniciavam sempre com uma rotina de atividades durante a rodinha de conversas. Segundo Weffort (1993), a importância dessa rodinha inicial consiste em permitir que as crianças falem e mostrem suas novidades ao grupo, possibilitando maior conhecimento das crianças entre si, da professora em relação a elas e vice-versa, além de fazer com que entendam que devemos respeitar quando o colega está falando. Nessa rodinha de conversas, são apresentados à turma os assuntos que serão

trabalhados durante o dia, ouve-se o que as crianças desejam falar e cantam-se músicas que falam sobre o tempo, os dias da semana e as novidades, bem como sobre quem veio e quem faltou à escola.

Em uma dessas rodinhas, uma menina quis saber:

“Tia, o que é nuvem?”

“Nuvem? Alguém sabe o que é nuvem?”

“Não”, “Fica lá no céu”, “É branca”.

“Que ótima pergunta E.! Que tal, então, se nossa aula de amanhã for sobre nuvem?”

E assim, no dia seguinte, ainda na rodinha de conversas, as atividades tiveram início com a história da Nuvenzinha Triste (conto popular). Essa historinha fala de uma nuvem que vivia triste por desejar ser o que não podia: ela queria ser passarinho, avião, helicóptero, foguete e pipa. Mas só ficou feliz quando descobriu que suas lágrimas podiam transformar-se em chuva e tornar lugares secos e sem vida em lugares alegres e verdes. Em seguida, partimos para nosso “experimento”, a fim de descobrir como as nuvens são formadas. Na sala de aula, utilizamos água quente em um recipiente tampado. Em seguida, chamei uma criança de cada vez, fazendo com que sentissem o vapor quentinho com a ponta de seus dedos. Expliquei, então, que as nuvens são formadas pelo vapor da água que sobe, lá no alto, tão alto que não podemos alcançar, e daqui de baixo as nuvens se parecem com bolas fofas de algodão. Fizemos lindas nuvens com algodão, o qual, ao ser tocado, foi descrito pelas crianças como “fofinho”, que “não arranha a mão”.

A partir dessa aula, iniciei a confecção de um livrinho com a turma a partir da música “A janelinha”.² O objetivo desse livrinho foi fazê-los aprender os seguintes conceitos:

- abrir e fechar;
- localização do “janelão” em nossa sala;
- os lados do janelão: lado esquerdo e lado direito;
- a importância da chuva para as plantas.

² Música infantil de origem popular com os seguintes versos: “A janelinha fecha quando está chovendo/ a janelinha abre quando o sol está aparecendo/ fechou, abriu, fechou, abriu, fechou”.

Todas as manhãs, cantávamos, entre outras, a música da janelinha que abre e fecha quando está chovendo e, em seguida, íamos abrir o “janelão” de nossa sala. Eles adoravam abri-lo, sentir o ventinho vindo lá de fora, ouvir os diferentes sons (canto de passarinhos, barulhos de carros, vozes e o esguicho de água no canteiro) e escolher qual lado cada um abriria.

Como estava chegando a primavera, construí com eles um canteiro de garrafa pet. Para isso, fiz uma abertura na garrafa no sentido horizontal, eles examinaram a garrafa e a terra adubada e, em seguida, me “ajudaram” a colocar a terra dentro. Depois, pedi que pegassem duas sementes de feijão que estavam guardadas em um copo plástico e as segurassem, pois iríamos plantá-las. Então me posicionei atrás de uma criança de cada vez, orientando-as a fazer um furo na terra com o dedo indicador e a colocar, nesse buraco, as sementes de feijão. Concluída essa etapa, eu lhes perguntei:

“Então, vocês gostaram de plantar as sementes de feijão?”

“Gostei”, “Eu também”, “Ô, tia, a gente num vai pôr água?”

“Muito bem, vamos colocar água sim.”

As crianças, então, regaram as sementes e me “ajudaram” a colocar o canteiro no parapeito de nosso janelão para que o sol esquentasse as sementinhas. No dia seguinte, as atividades tiveram início com a história “A viagem da sementinha” (MARTINEZ, 1991) e, em seguida, fomos ao parquinho pesquisar o tronco de uma árvore, sentir sua textura, tentar alcançar os galhos e localizar as raízes. Coletamos galhos secos caídos no chão, sementes e folhas, mas não conseguimos alcançar os galhos da árvore, nem mesmo nos colocando na ponta dos pés, pois ficavam lá no alto.

No dia seguinte, na rodinha de conversa, eu lhes perguntei se queriam fazer um livrinho para contar a história de nossa sementinha. Eles aceitaram e nós iniciamos a construção dessa historinha baseada na música da janelinha.

O objetivo do livrinho era levar as crianças a entenderem conceitos de abrir e fechar, bem como a importância da chuva, do sol e da terra para as plantas. A primeira página trazia, na parte superior, o primeiro verso, em tinta e em braille, da música da janelinha: “A janelinha fecha”. No meio da página, havia uma janelinha, e a atividade consistia em pedir que a criança colasse uma etiqueta para fechar as duas partes dessa janela. Em todas as páginas, os versos foram escritos em tinta e braille.

Na segunda página, na parte superior, estava o verso “Quando está chovendo”, e a professora solicitava que a criança construísse uma nuvem de algodão, fizesse os pingos de chuva com tinta em relevo e colocasse terra embaixo de uma linha localizada na parte inferior da página. Em outras palavras, a professora perguntava à criança onde ficava a parte de baixo da referida linha e pedia que a criança espalhasse, com a mão esquerda, cola branca, colasse uma semente de feijão e, em cima, jogasse terra com a mão direita. Essa atividade trabalhou os conceitos de nuvem, de chuva caindo na terra e de molhar a semente, além de noções do tipo “em cima/embaixo”.

Na parte superior da terceira página, havia o verso “A janelinha abre” e, no meio da página, uma janela com as partes abertas. A atividade consistia em pedir que a criança colasse etiquetas para deixar a janela aberta.

Na parte superior da quarta e última página, estava escrito o verso “Quando o sol está aparecendo”, e a atividade consistia em pedir que a criança colasse uma forma redonda para representar o sol no lado superior direito da página. A professora, então, oferecia à criança uma bandeja com as três formas geométricas (quadrado, círculo e triângulo)³ e lhe pedia que pegasse a forma redonda para “fingir” que era o sol. Em seguida, solicitava à criança que localizasse a linha na parte de baixo da página e mostrasse o lado de cima e o lado de baixo dessa linha. Em seguida, pedia que a criança colasse uma flor de plástico com caule e folhas na parte de cima da linha, colando a raiz na parte de baixo com terra.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, as músicas podem ser utilizadas para a realização de várias atividades no cotidiano escolar: anunciar o momento do lanche, do almoço, a hora de ir embora, em datas comemorativas do calendário escolar, entre outras (BRASIL, 1998). Ainda segundo o Referencial, a música é entendida como uma linguagem e um recurso para a obtenção de conhecimento, sendo acessível aos bebês e às crianças, inclusive aquelas que apresentam necessidades especiais.

³ Os conceitos sobre formas geométricas já haviam sido trabalhados em aulas anteriores.

De fato, é possível explorar o uso de músicas como recurso pedagógico de várias formas, as quais dependerão das propostas a serem trabalhadas pelo professor. Os materiais utilizados podem ser diversos, não sendo necessário dispor de materiais caros. Isso porque, como bem demonstrado nessa experiência educacional, um trabalho criativo baseado nas curiosidades que as crianças trazem para a sala de aula mostra-se capaz de estimulá-las a compreender conceitos que não estão ao alcance do toque manual de alunos que não enxergam.

3. Metodologia

Participaram desse estudo cinco crianças cegas com idades entre 5 e 7 anos, sendo três meninas e dois meninos matriculados na Educação Infantil do Instituto Benjamin Constant (IBC). Um desses meninos havia feito uma cirurgia para a retirada dos globos oculares e estava realizando as últimas sessões de quimioterapia no Hospital do Câncer (INCA/RJ).

O local das atividades descritas foi uma sala de aula do setor de Educação Infantil do IBC, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Esse instituto é considerado centro de referência no atendimento a pessoas com deficiência visual no que diz respeito a serviços oftalmológicos, de reabilitação, educacional e profissionalizante. Atende desde a estimulação precoce até o ensino fundamental, além de oferecer cursos de capacitação e produção de materiais especializados. Os dados obtidos durante a realização das atividades descritas foram coletados na sala de aula das crianças participantes do relato e também no parquinho desse setor.

O instrumento escolhido para coletar os dados foi o ensino incidental, pois esse recurso leva em conta as interações que ocorrem naturalmente entre um adulto e uma criança em situações rotineiras. A opção pelo emprego do ensino incidental para coletar os dados e apresentar este relato se deve ao fato de esse procedimento não ser invasivo e ainda permitir que a criança controle o momento em que ocorrem ensino/brincadeira, demonstrando seu interesse pelas situações propostas (HART & RISLEY, 1975).

Os materiais empregados foram sementes, terra, cola branca, formas geométricas, tinta relevo, flor de plástico, algodão, etiquetas adesivas, cartolina colorida e papel sulfite. Os equipamentos consistiram em CDs com músicas infantis, um aparelho de som, livros infantis e um caderno de anotações.

No que se refere aos procedimentos, vale mencionar que os dados foram coletados durante as aulas, de setembro a novembro de 2014, em uma frequência de três vezes por semana. A coleta ocorreu na sala de aula e no parquinho, e estavam presentes a professora e as crianças participantes do relato. Embora as aulas fossem previamente planejadas, havia a possibilidade de serem modificadas de acordo com os interesses/curiosidades apresentados pelas crianças. Os dados foram anotados por esta professora e serviram como registro de observação de suas aulas.

4. Conclusão

É importante que o professor esteja atento ao fato de a criança estar realmente assimilando os conceitos ensinados, pois, conforme leciona Cavalcante (1998), para que a aprendizagem se mostre efetiva, esses conceitos precisam ser trabalhados em uma base de construção rica em detalhes, a fim de se evitar o verbalismo, ou seja, a mera repetição verbal do que foi transmitido.

Santos (2005) ressalta que, para construirmos uma prática pedagógica capaz de favorecer o efetivo aprendizado de nossos alunos, devemos, constantemente, nos colocar no lugar da criança, a fim de termos condições de perceber o mundo a partir de suas representações. Uma criança que enxerga percebe uma árvore por sua altura e pelas cores, mas uma criança cega a perceberá pela textura, pelo cheiro e pela grossura de seu tronco, razão pela qual as aulas devem ser contextualizadas com situações que apresentem significados para esses alunos.

Dessa forma, os resultados obtidos a partir do desenvolvimento dessa experiência educacional revelaram a possibilidade de empregarmos as músicas e histórias infantis como recurso pedagógico capaz de favorecer o aprendizado de conceitos por crianças cegas. Podemos concluir ainda que, ao considerarmos os diferentes interes-

ses que as crianças expressam em sala de aula, o processo de ensino e aprendizagem torna-se inclusivo e as atividades ficam mais atraentes, uma vez que os temas são propostos pela turma, e não somente pela professora (SÁ, CAMPOS & SILVA, 2007).

REFERÊNCIAS

- A NUVENZINHA TRISTE. Conto popular. Data exata não indicada [1900?].
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, v. 3, 1998.
- CAVALCANTE, A. M. M. Iluminando os caminhos da pré-escola. *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, n.º 10, 1998.
- HART, B. e RISLEY, T. R. Incidental teaching of language in the preschool. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 8, n. 4, 1975.
- MARTINEZ, R. S. *A viagem da sementinha*. São Paulo: Editora Paulinas, 1991.
- MONTE, F. R. F. e SANTOS, I. B. *Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização – deficiência visual*. Brasília: MEC/SEESP, 2005.
- SÁ, E. D., CAMPOS, I. M. e SILVA, M. B. C. *Atendimento educacional especializado: deficiência visual*. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2007.
- SANTOS, F. D. Viagem ao universo da criança deficiente visual: uma página em construção. *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, n.º 32, 2005.
- WEFFORT, M. F. *A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Recebido em: 16.6.2015
Reformulado em: 3.11.2015
Aprovado em: 1.12.2015